

Orelha

O SOLDADO

Alexandre Herculano

I

Veia tranquila e pura
De meu paterno rio,
Dos campos, que ele rega,
Mansíssimo armentio.

Rocio matutino,
Prados tão deleitosos,
Vales, que assombravam selvas
De sinceirais frondosos,

Terra da minha infância,
Tecto de meus maiores,
Meu breve jardimzinho,
Minhas pendidas flores,

Harmonioso e santo
Sino do presbitério,
Cruzeiro venerando
Do humilde cemitério,

Onde os avós dormiram,
E dormirão os pais;
Onde eu talvez não durma,
Nem reze, talvez, mais,

Eu vos saúdo!, e o longo
Suspiro amargurado
Vos mando. E quanto pode
Mandar pobre soldado.

Sobre as cavadas ondas
Dos mares procelosos,
Por vós já fiz soar
Meus cantos dolorosos.

Na proa ressonante
Eu me assentava mudo,
E aspirava ansioso
O vento frio e agudo;

Porque em meu sangue ardia
A febre da saudade,
Febre que só minora
Sopro de tempestade;

Mas que se irrita, e dura

Quando é tranquilo o mar;
Quando da pátria o céu
Céu puro vem lembrar;

Quando, no extremo ocaso,
A nuvem vaporosa,
À frouxa luz da tarde,
Na cor imita a rosa;

Quando, do Sol vermelho
O disco ardente cresce,
E paira sobre as águas,
E enfim desaparece;

Quando no mar se estende
Manto de negro dó;
Quando, ao quebrar do vento,
Noite e silêncio é só;

Quando sussurram meigas
Ondas que a nau separa,
E a rápida ardentia
Em torno a sombra aclara.

II

Eu já ouvi, de noite,
Entre o pinhal fechado,
Um frémito soturno
Passando o vento irado:

Assim o murmúrio
Do mar, fervendo à proa,
Com o gemer do aflito,
Sumido, acorde soa;

E o cintilar das águas
Gera amargura e dor,
Qual lâmpada, que pende
No templo do Senhor,

Lá pela madrugada,
Se o óleo lhe escasseia,
E a espaços expirando.
Afrouxa e bruxuleia.

III

Bem abundante messe
De pranto e de saudade
O foragido errante
Colhe na soledade!

Para o que a pátria perde
É o universo mudo;
Nada lhe ri na vida;
Mora o fastio em tudo;

No meio das procelas,
Na calma do oceano,
No sopro do galerno,

Que enfuna o largo pano.

E no entestar coa terra
Por abrigado esteiro,
E no pousar à sombra
Do tecto do estrangeiro.

IV

E essas memórias tristes
Minha alma laceraram,
E a senda da existência
Bem agra me tornaram:

Porém nem sempre férreo
Foi meu destino escuro;
Sufocou de luz um raio
As trevas do futuro.

Do meu país querido
A praia ainda beijei,
E o velho e amigo cedro
No vale ainda abracei!

Nesta alma regelada
Surgiu ainda o gozo,
E um sonho lhe sorriu
Fugaz, mas amoroso.

Oh, foi sonho da infância
Desse momento o sonho!
Paz e esperança vinham
Ao coração tristonho.

Mas o sonhar que monta,
Se passa, e não conforta?
Minh'alma deu em terra,
Como se fosse morta.

Foi a esperança nuvem,
Que o vento some á tarde:
Facho de guerra aceso
Em labaredas arde!

Do fratricídio a luva
Irmão a irmão lançara,
E o grito: ai do vencido!
Nos montes retumbara.

As armas se hão cruzado:
O pó mordeu o fone;
Caiu: dorme tranquilo:
Deu-lhe repouso a morte.

Ao menos, nestes campos
Sepulcro conquistou,
E o adro dos estranhos
Seus ossos não guardou.

Ele herdará, ao menos,
Aos seus honrado nome;

Paga de curta vida
Ser-lhe-á largo renome.

V

E a bala sibilando,
E o trom da artilharia,
E a tuba clamorosa,
Que os peitos acendia,

E as ameaças torvas,
E os gritos de furor,
E desses que expiravam
Som cavo de estertor,

E as pragas do vencido,
Do vencedor o insulto.
E a palidez do morto,
Nu, sanguento, insepulto,

Eram um caos de dores
Em convulsão horrível,
Sonho de acesa febre,
Cena tremenda e incrível!

E suspirei: nos olhos
Me borbulhava o pranto,
E a dor, que trasbordava,
Pedi-me infernal canto.

Oh, sim!, maldisse o instante,
Em que buscar viera,
Por entre as tempestades,
A terra em que nascera.

Que é, em fraternas lides,
Um canto de vitória?
É delirar maldito;
É triunfar sem glória.

Maldito era o triunfo,
Que rodeava o horror,
Que me tingia tudo
De sanguinosa cor!

Então olhei saudoso
Para o sonoro mar;
Da nau do vagabundo
Meigo me riu o arfar.

De desespero um brado
Soltou, ímpio, o poeta,
Perdão! Chegara o mísero
Da desventura à meta.

VI

Terra infame! – de servos aprisco,
Mais chamar-me teu filho não sei;
Desterrado, mendigo serei:
De outra terra meus ossos serão!

Mas a escravo, que pugna por ferros,
Que herdará desonrada memória,
Renegando da terra sem glória,
Nunca mais darei nome de irmão!

Onde é livre tem pátria o poeta,
Que ao exílio condena ímpia sorte.
Sobre os plainos gelados do norte
Luz do Sol também desce do céu;

Também lá se erguem montes. e o prado
De boninas, em Maio. se veste;
Também lá se meneia o cipreste
Sobre o corpo que à terra desceu.

Que me importa o loureiro da encosta?
Que me importa da fonte o ruído?
Que me importa o saudoso gemido
Da rolinha sedenta de amor?

Que me importam outeiros cobertos
Da verdura da vinha, no Estio?
Que me importa o remanso do rio,
E, na calma, da selva o frescor?

Que me importa o perfume dos campos,
Quando passa da tarde a bafagem,
Que se embebe, na sua passagem,
Na fragrância da rosa e alecrim?

Que me importa? Pergunta insensata!
É meu berço: a minha alma está lá...
Que me importa... Esta boca o dirá?!
Minha pátria, estou louco... menti!

Eia, servos! O ferro se cruze,
Assobie o pelouro nos ares;
Estes campos convertam-se em mares,
Onde o sangue se possa beber!

Larga a vala!, que, após a peleja,
Todos nós dormiremos unidos!
Lá, vingados, e do ódio esquecidos,
Paz faremos... depois do morrer!

VII

Assim, entre amarguras,
Me delirava a mente;
E o Sol ia fugindo
No termo do Ocidente.

E os fortes lá jaziam
Coa face ao céu voltada;
Sorria a noite aos monos,
Passando sossegada.

Porém, a noite deles
Não era a que passava!
Na eternidade a sua

Corria, e não findava.

Contrários ainda há pouco,
Irmãos, enfim, lá eram!
O seu tesouro de ódio,
Mordendo o pó, cederam.

No limiar da morte
Assim tudo fenece:
Inimizades calam,
E até o amor esquece!

Meus dias rodeados
Foram de amor outrora;
E nem um vão suspiro
Terei, morrendo, agora,

Nem o apertar da dextra
Ao desprender da vida,
Nem lágrima fraterna
Sobre a feral jazida!

Meu derradeiro alento
Não colherão os meus.
Por minha alma aterrada
Quem pedirá a Deus?

Ninguém! Aos pés o servo
Meus restos calcará,
E o riso ímpio, odiento,
Mofando soltará.

O sino lutuoso
Não lembrará meu fim:
Preces, que o morto afagam,
Não se erguerão por mim!

O filho dos desertos,
O lobo carniceiro,
Há-de escutar alegre
Meu grito derradeiro!

Ó morte, o sono teu
Só é sono mais largo;
Porém, na juventude,
É o dormi-lo amargo:

Quando na vida nasce
Essa mimosa flor,
Como a cecém suave,
Delicioso amor;

Quando a mente acendida
Crê na ventura e glória;
Quando o presente é tudo.
E inda nada a memória!

Deixar a cara vida,
Então é doloroso,
E o moribundo à Terra
Lança um olhar saudoso.

A taça da existência
No fundo fezes tem;
Mas os primeiros tragos
Doces, bem doces, vem.

E eu morrerei agora
Sem abraçar os meus,
Sem jubiloso um hino
Alevantar aos Céus?

Morrer, morrer, que importa?
Final suspiro, ouvi-lo
Há-de a pátria. Na terra
Irei dormir tranquilo.

Dormir? Só dorme o frio
Cadáver, que não sente;
A alma voa a abrigar-se
Aos pés do Omnipotente.

Reclinar-me-ei à sombra
Do amplo perdão do Eterno;
Que não conheço o crime,
E erros não pune o Inferno.

E vós, entes queridos,
Entes que tanto amei,
Dando-vos liberdade
Contente acabarei.

Por mim livres chorar
Vós podereis um dia,
E às cinzas do soldado
Erguer memória pia.